



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOANA D'ARC CLEMENTE DOS SANTOS**

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA CULTURA DO BRINCAR  
COM BONECOS E BONECAS NAS ESCOLAS: APLICABILIDADE  
DA LEI 10.639/03**

**GUARABIRA/PB  
2019**

**JOANA D'ARC CLEMENTE DOS SANTOS**

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA CULTURA DO BRINCAR  
COM BONECOS E BONECAS NAS ESCOLAS: APLICABILIDADE  
DA LEI 10.639/03**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade da Paraíba - UEPB - Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Fundamentos da Educação e Formação docente.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Sheila Gomes de Mélo.

**GUARABIRA/PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Joana Darc Clemente dos.  
A representatividade negra na cultura do brincar com bonecos e bonecas nas escolas [manuscrito] : aplicabilidade da lei 10.639/03 / Joana Darc Clemente dos Santos. - 2019.  
42 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Mélo. , Departamento de Educação - CEDUC."  
1. Representatividade Negra. 2. Identidade. 3. Lei 10639/03. I. Título

21. ed. CDD 305.8

JOANA D'ARC CLEMENTE DOS SANTOS

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA CULTURA DO BRINCAR  
COM BONECOS E BONECAS NAS ESCOLAS: APLICABILIDADE  
DA LEI 10.639/03**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade da Paraíba - UEPB - Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Fundamentos da Educação e Formação docente.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Sheila Gomes de Mélo.

Aprovada em: 28 / 11 / 17

**BANCA EXAMINADORA**

*Sheila Gomes de Mélo*

Prof<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup>. Sheila Gomes de Mélo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Ivonildes da Silva Fonseca*

Prof<sup>a</sup> Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Francineide Batista de Sousa Pedrosa*

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Francineide Batista de Sousa Pedrosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu querido e bondoso Deus, pois acredito fielmente em seu amor para comigo. A minha linda família que sempre torce por mim e me ajuda a caminhar, onde nas vezes em que pensei em desistir, tive a motivação necessária para continuar seguindo firme na luta em busca dos meus sonhos. A Vocês, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu amado e digníssimo Deus, pelo fato de ter me dado à vida, por ser tão presente em todos os detalhes dela e por nunca ter me deixado desacreditar que tudo posso, pois Contigo tudo se torna possível.

A minha Mãezinha, Nossa Senhora Aparecida, a qual tenho um carinho e gratidão por saber que intercede a Deus por mim e pelos meus nas horas precisas.

A toda a minha família, em especial a minha mãe, Cláudia Bernardo da Silva, por ser exemplo de mulher forte, pai e mãe ao mesmo tempo e por ter sido tão guerreira em toda a sua vida.

Também, a minha querida avó materna, Maria de Lourdes de Oliveira, por acreditar em mim, se orgulhar de tudo que faço e por me ajudar a tornar todos os meus sonhos possíveis.

Ao meu amado esposo, João Batista Araújo, por durante toda essa jornada ter sido paciente, amigo e companheiro, o qual me incentivou e não deixou que eu desanimasse em nenhum momento.

A todos os professores que encontrei ao longo do caminho, que me ajudaram a formar a profissional que hoje sou. E em especial, quero agradecer a minha orientadora, chamada carinhosamente de Tia Sheila, por ser um exemplo de ser humano e uma profissional que motiva os seus alunos. As minhas outras tias, Alba e Rônia, que me fizeram ver a sala de aula com outro olhar, outra perspectiva, algo que vai além de cadeiras e lousa.

Agora, agradeço com grande emoção e alegria as cinco pessoas que ganhei de presente, as quais levarei para toda a vida, minha mãe Mar, a pessoa com o coração mais lindo já visto por mim; Paty, a força e sorriso em pessoa; Lany, a menina-mulher que luta e persevera com grande inteligência; Nanda, a que mais se parece comigo, a dançarina, comunicativa e de uma inteligência absurda; Janyinha, minha guerreira e amada, por onde passa deixa sorrisos espalhados pelo rosto de todos. A vocês, gratidão eterna, por todos os trabalhos, ajudas, risadas, passeios, abraços e muito choro. Amo vocês!

O reconhecimento da pluralidade, o respeito das identidades e pelas diferenças não é uma questão romântica e meramente retórica; exige a representação dos outros, dos excluídos nas instituições públicas e nos diversos setores da vida nacional. (MUNANGA, 1996, p. 217-218).

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como está sendo construída a representatividade negra por meio da cultura do brincar com bonecos e bonecas no âmbito escolar a partir da aplicabilidade da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003). O desenvolvimento deste trabalho surge a partir da visível ausência de bonecos (as) negros (as), do autoconhecimento, da construção de identidade e valorização dos povos afro-brasileiros nas escolas que, mesmo sendo obrigatório o estudo da História e Cultura da África e dos Africanos, ainda falta um trabalho mais preciso e continuado sobre o tema e seu desenvolvimento em sala de aula. Sabendo-se da importância de se trabalhar de forma lúdica com as crianças, esta pesquisa traz reflexões sobre a representatividade negra permitindo uma compreensão acerca das consequências resultantes da falta dessa representação por meio dos (as) bonecos (as) no âmbito escolar, a fim de entender o quão é importante essa representatividade para as crianças na infância. A pesquisa é de cunho qualitativo onde foram utilizados os métodos do estudo de caso e pesquisa de campo, realizada com a aplicação de questionário com cinco docentes. Tomou-se como referencial teórico, documentos como as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) e os teóricos: Munanga (2005); Santana (2006); Santos (2006); Vigotsky (1994), entre outros. Com base nos dados coletados, pode-se concluir que mesmo com a obrigatoriedade da lei, as escolas, em sua maioria, continuam trabalhando o tema apenas em datas comemorativas e que há uma ausência de representatividade negra no espaço escolar em razão da deficiência do ensino das relações étnico-raciais ainda tão pouco explorado. Percebeu-se também que o lúdico ainda não é visto como uma ferramenta metodológica de ensino, o que reforça ainda mais a inferiorização e a baixa autoestima das crianças negras em virtude da falta de um trabalho educacional que contribua efetivamente para a construção da identidade das mesmas.

**Palavras-Chave:** Representatividade negra. Identidade. Lei 10.639/03.



## ABSTRACT

This research aims to analyze how the black representation is being built through the culture of playing with dolls and dolls in the school environment from the applicability of Law 10.639 / 03 (BRAZIL, 2003). The development of this work arises from the visible absence of black puppets, self-knowledge, the construction of identity and appreciation of Afro-Brazilian peoples in schools that, even though it is mandatory to study the History and Culture of Africa and For Africans, more precise and continuing work on the topic and its development in the classroom is still lacking. Knowing the importance of working in a playful way with children, this research brings reflections on the black representation allowing an understanding about the consequences resulting from the lack of this representation through the puppets in the school environment, in order to to understand how important this representativeness is to children in childhood. The research is of a qualitative nature, using the methods of case study and field research, conducted with the application of a questionnaire with five teachers. The theoretical framework was based on documents such as the National Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture (BRAZIL, 2004) and the theorists: Munanga (2005); Santana (2006); Santos (2006); Vygotsky (1994), among others. Based on the collected data, it can be concluded that even with the obligation of the law, most schools continue to work on the theme only on commemorative dates and that there is an absence of black representation in the school space due to the deficiency of teaching. of ethnic-racial relations still so little explored. It was also noticed that the playful is not yet seen as a methodological teaching tool, which further reinforces the inferiorization and low self-esteem of black children due to the lack of an educational work that effectively contributes to the construction of their identity.

**Keywords:** Black representativeness. Identity. Law 10,639/03.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Atividades expostas.....	25
Imagem 2: Ornamentação da sala.....	25
Imagem 3: Cartaz Cantinho da Leitura.....	25
Imagem 4: Cartaz Cantinho da Matemática .....	25
Imagem 5: Cartaz com colagens.....	25
Imagem 6: Atividades de conscientização .....	25
Imagem 7: Entrada da Biblioteca .....	26
Imagem 8: Jogos e livros da Biblioteca.....	26
Imagem 9: Meninas brincando .....	27
Imagem 10: Meninos brincando .....	27
Imagem 11: Meninos tentando jogar .....	28
Imagem 12: Livros infantis.....	28
Imagem 13: Alongamento feito com as crianças.....	28

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Com que frequência às crianças brincam? Quais tipos de brinquedos e brincadeiras estão presentes na escola? .....	29
<b>Quadro 2:</b> Como são os/as bonecos/as trazidos/as pelos/as alunos/as ou oferecidos pela escola para as crianças? .....	31
<b>Quadro 3:</b> Você percebe ou já presenciou algum ato de discriminação racial em sala ou na escola? Como as pessoas reagiram? .....	32
<b>Quadro 4:</b> Você considera que o tema étnico-racial pode ser trabalhado de forma lúdica com as crianças? .....	33
<b>Quadro 5:</b> Você tem conhecimento sobre a Lei 10.639/03, que torna obrigatório a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo das escolas do ensino básico?.....	34
<b>Quadro 6:</b> Você já desenvolveu alguma atividade alusiva à temática étnico-racial? A escola desenvolve ou já desenvolveu a temática? .....	35

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. A LEI 10.639/2003: SEUS OBJETIVOS E IMPORTÂNCIA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1. Educação Étnico-Racial: desafios na busca por equidade entre as etnias raciais.....</b>	<b>15</b>
<b>3. A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA ESCOLA PARA A CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO POVO AFRO-BRASILEIRO.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1. A falta de representatividade negra na escola: as consequências na vida das crianças.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2. O uso do lúdico como instrumento de incentivo na formação da identidade e representatividade negra da criança.....</b>	<b>20</b>
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>4.1. Caracterização do campo de pesquisa e dos sujeitos .....</b>	<b>22</b>
<b>4.2. Instrumento da pesquisa.....</b>	<b>23</b>
<b>4.3. Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>23</b>
<b>4.3.1. Primeiro encontro.....</b>	<b>24</b>
<b>4.3.2. Segundo encontro.....</b>	<b>24</b>
<b>4.3.3. Terceiro encontro.....</b>	<b>26</b>
<b>4.3.4. Quarto encontro.....</b>	<b>27</b>
<b>4.4. Análise dos dados.....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em meio a tantos brinquedos e brincadeiras que nos são passados de geração em geração, é impossível não se lembrar dos (as) bonecos (as) que claramente vêm se modificando ao longo do tempo, seja pelo tamanho, material ou o que eles podem fazer para entreter a criançada. Diante da realidade observada em pleno século XXI, podemos ver quantas crianças mesmo sendo negras continuam, em sua maioria, com seus bonecos e bonecas brancos e brancas. Estes brinquedos são ofertados pelos pais ou escolhidos por elas, nos quais não se enxergam traços como cor ou cabelo, que sejam ao menos parecidos com os delas. Tendo em vista que esse brinquedo é, por muitas vezes, a caricatura de um bebê, criança ou até de um adulto, pode-se entender que a representatividade negra por meio dos (as) bonecos (as) que são inspirados em seres humanos ainda seja uma realidade distante.

Através da ludicidade podemos usar os brinquedos, em especial os (as) bonecos (as), como uma ferramenta de trabalho para melhor facilitar e estimular o desenvolvimento da criança e sua capacidade de aprender acerca de qualquer tema que queira ser trabalhado. Nesse contexto, destaca-se a grande importância de trabalhar com as crianças levando conhecimentos de forma lúdica, contanto que tenham objetivos e finalidades a serem alcançados, para assim transformar a brincadeira em aprendizagem, como bem fala Vigotsky (1994 *apud* BENTO; CORRÊA, s.a., p.--) “[...] a criança quando brinca mergulha na vida e se vê naquela fantasia, uma realidade interior que pode estar bloqueada.” Desse modo, significa que podemos considerar o uso do lúdico como um ótimo procedimento metodológico para tratar sobre o tema da representatividade negra, gerando conhecimento e reconhecimento sobre as questões raciais ainda tão pouco discutidas e trabalhadas em nossas salas de aulas e na sociedade de modo geral.

A escola por sua vez é assegurada com a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que torna obrigatória o tema “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, sendo ela pública ou privada. Os conteúdos serão ministrados em todo o currículo escolar abordando “[...] o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” (CNE/CP, 2003

*apud* DCNs, 2004, p. 35). Tornando assim, uma aprendizagem “[...] entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.” (CNE/CP, 2003 *apud* DCNs, 2004, p 14).

A Lei 10.639/03 tem como foco que a escola forme cidadãos e cidadãs capazes de respeitar e valorizar a pluralidade étnico-racial brasileira, a fim de contribuir também com a formação da identidade cultural da mesma, levando informações sobre nossa origem e promovendo o respeito com as nossas diferenças. Ressaltando que “Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.” (CNE/CP, 2003 *apud* DCNs, 2004, p. 12).

O trabalho justifica-se pela importância de se compreender que a partir da cultura do brincar com bonecos (as) as crianças podem e devem ser representadas e romper com o estereótipo ditado pela sociedade como o que é correto e bonito é branco. Elas devem se ver representadas como super-heróis/heroínas, príncipes/princesas, personagens de desenhos, famosos (as) e todo tipo de profissão que assim queiram exercer no futuro. E dessa forma, a escola pode contribuir com a construção da identidade étnica das mesmas melhorando sua autoestima, autoconhecimento e autoconfiança através do ato de se ver inserida em qualquer ambiente e de várias formas possíveis.

Tal perspectiva se assemelha ao ponto de vista do MEC (Ministério da Educação) que defende sobre a importância do ambiente onde as crianças estão inseridas, sobretudo os “[...] primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo” (MEC, 2003 *apud* DCNs, 2014, p. 14). E os brinquedos se apresentam com maior frequência nesta etapa inicial, por isso a ideia é mostrar que podemos e devemos ser representados mesmo através de um (a) “simples” boneco (a).

Diante do exposto, faz-se necessário o seguinte questionamento: os docentes estão conseguindo construir a identidade, representatividade e a valorização negra diante os (as) boneco (as) ofertadas (as) às crianças na escola? Como objetivo geral: analisar como está sendo construída a representatividade negra por meio da cultura do brincar com bonecos (as) no âmbito escolar a partir da aplicação e estudo da lei

10.639/03. Como objetivos específicos: Compreender como a representatividade negra vem sendo trabalhada pela escola com foco nos (as) bonecos (as) negros (as); Refletir sobre as causas e consequências de uma imposição cultural branca e da ausência da representatividade negra por meio dos brinquedos ofertados as crianças, especialmente os (as) bonecos (as); Entender a importância do autoconhecimento e valorização da representatividade dos povos afro-brasileiros através dos (as) bonecos (as).

Para melhor compreensão e análise dos dados coletados, o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: O primeiro capítulo enfatiza a *INTRODUÇÃO*. O segundo é intitulado *A LEI 10.639/2003: SEUS OBJETIVOS E IMPORTÂNCIA*, fala do surgimento da referida Lei e sua obrigatoriedade nas instituições de ensino sejam elas públicas ou privadas, bem como do seu objetivo de construir a identidade negra e sua importância que é o exercício de respeito ao próximo. O terceiro capítulo *A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA ESCOLA PARA A CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO POVO AFRO-BRASILEIRO*, mostra o quanto é necessário e importante trabalhar o tema com as crianças na escola a fim de ajudá-las na construção da sua identidade e a valorização desses povos. O quarto capítulo *METODOLOGIA* traz por etapas como foi desenvolvida a pesquisa a partir da visita à escola e a investigação da mesma. Por fim, apresentamos nossas *CONSIDERAÇÕES FINAIS*, trazendo reflexões sobre o resultado da pesquisa e fazendo a relação com os objetivos que foram traçados e mostrando os resultados obtidos ao final da mesma.

## **2 A LEI 10.639/2003: SEUS OBJETIVOS E IMPORTÂNCIA**

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas (DCNs, 2004, p. 11).

Com isso, no início dos anos 2000, a obrigatoriedade do tema “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” foi aprovada pelo então presidente Luíz Inácio Lula da Silva. Em 2003, ele sancionou uma lei que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD/1996). Trata-se da Lei nº 10.639/2003. De acordo com essa Lei, a qual se aplica a todas as escolas públicas ou privadas do ensino fundamental ou médio, tal conteúdo deve ser ministrado nas aulas de História e quando todo o currículo escolar for repassado, sem precisar das datas comemorativas para que essa temática seja abordada em sala de aula.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), “Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (DCNs, 2004, p. 12). Por isso a implantação da Lei.

A Lei em questão tem por objetivo contribuir no ensino e na afirmação da nossa identidade, das nossas origens e da importância de saber respeitar as diferenças, a fim de deixar o racismo e a discriminação fora do contexto escolar e, levar para a sociedade, incluindo nas escolas, estudos e referências africanas.

Partindo do pressuposto que, em pleno século XXI, ainda vemos muitas crianças brincarem com bonecos (as) que seguem o padrão de pele branca, cabelo liso e olhos claros, o qual não representa a diversidade de cores, traços e cabelos existentes, percebemos que predomina o consumo das bonecas brancas, mesmo estando em um país com uma população em sua maioria negra, chegando a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos no Brasil segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2017 (SARAIVA, 2019). Diante disso, percebemos que mesmo existindo a Lei nº 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da “História e



Cultura Afro-brasileira e Africana”, ainda temos um ensino defasado quando se trata desse tema.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) nos traz a seguinte afirmação:

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra (DCNs, 2004, p. 12).

É importante também frisar que a lei aqui citada não deve ser exercida apenas nas datas comemorativas, como no dia 13 de maio, onde se comemora a Abolição da Escravatura, ou mesmo o 20 de novembro que é considerado o Dia da Consciência Negra, mas que esteja implantada em todas as disciplinas, em especial história, literatura e artes. “O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10.639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.” (RESOLUÇÃO CNE/CP 1/2004 *apud* BRASIL, 2004, p.32).

Mesmo tendo uma Lei que assegura toda essa educação, ainda falta muita coisa para chegarmos a sua total prática. Falta ajuda na educação dada por alguns pais, falta à escola abordar mais o tema e, faltam também, professores preparados para entenderem quando algo dito por seus alunos deixa de ser brincadeira e vira racismo, preconceito e discriminação, para que possamos de fato amenizar o que vem costumeiramente acontecendo em nossa sociedade.

Lopes (2005) afirma que “As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimento de preconceito e modos de exercitar a discriminação; antes a desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola” (LOPES, 2005, p.188). Por isso, a importância de se trabalhar tal tema ainda na infância para que as crianças cresçam sabendo valorizar os povos afro-brasileiros, suas lutas e a importância desses povos na nossa história.

## 2.1 Educação Étnico-Racial: desafios na busca por equidade entre as etnias raciais

Sabemos que a educação para as relações étnico-raciais precisa transcender a escola e, por isso, compreendemos que é também dever da família, além dos educadores, apresentar os temas raciais, os valores humanos e sociais sobre o respeito ao próximo e a valorização das pessoas. Nesse sentido, conhecer a realidade da representação negra na família, na escola e na sociedade será o primeiro passo para o processo de conhecimento para se chegar a uma tomada de consciência e de busca a valorização da identidade negra em nosso Brasil. “Compreender a criança afrodescendente como presença, é entendê-la enquanto corporeidade viva no mundo, como Ser em busca de esclarecimento sobre si em seu sentido ontológico, a partir das relações tensivas (e conflitivas) com o outro” (SANTOS, 2006, p. 66).

Nesse cenário, faz-se necessário e urgente o trabalho da escola com a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com isso o objetivo dessa educação segundo a Resolução CNE/CP 1/2004 é:

[...] a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (Resolução CNE/CP 1/2004 apud DCNs, 2004, p. 31).

Buscando mostrar as lutas e contribuições do povo negro para o nosso país, e assim encorajar as nossas crianças a se reconhecerem enquanto negros e não negros, ajudando-os a construir sua identidade e ensinando-os a respeitar e exigirem respeito quando o outro tentar o desqualificar por ser quem é, seja em virtude da cor da sua pele, tipo de cabelo, religião e etc. Numa sociedade que dita um padrão de beleza europeia, onde geralmente todos para serem considerados bonitos precisam ser loiros, ter cabelos lisos e olhos claros como uma “verdadeira boneca branca” que aparece na TV, nas lojas, outdoors e que estão estampadas nas revistas famosas, torna a criança afrodescendente vítima de uma coerção, pois, seguindo a visão da autora (SANTOS, 2006), o infante [...] “Incorpora pensamentos e padrões de conduta que reduzem a possibilidade de Ser e se revelar enquanto presença” (SANTOS, 2006, p. 74). A autora também fala dessa “inclusão” disfarçada:

[...] é a ausência de representação dos valores, crenças e conhecimentos da criança afrodescendente nos materiais e nas práticas escolares (textos escritos, orais...). O máximo que podemos perceber é o uso forçoso de imagens estereotipadas e discussões acerca dessa cultura como folclore, com pouca ou nenhuma leitura crítica, a fim de justificar a “pluralidade cultural” defendida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (SANTOS, 2006, p. 21-22).

A Educação Étnico-Racial traz para a sala de aula o direito à diversidade e a memória dos povos africanos e, a formação da identidade negra, ainda na infância é aprender a afirmar quem realmente somos e de onde viemos. Portanto, podemos afirmar que a lei 10.639/2003 é um importante marco na legislação brasileira mesmo que ela ainda não seja de fato exercida na sua totalidade como esperado, que deveria ser “[...] desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas” (RESOLUÇÃO CNE/CP 1/2004 *apud* DCNs, 2004, p. 32), mantendo assim as recomendações das diretrizes. Porém, mesmo ainda sendo um ensino defasado em nosso país, é preciso reconhecer que ela nos faz refletir sobre as hierarquias de raça, um dos motivos para tanta desigualdade, exclusão e discriminação que segundo Santana (2006):

[...] vivenciada cotidianamente compromete a socialização e interação tanto das crianças negras quanto das brancas, mas produz desigualdades para as crianças negras, à medida que interfere nos seus processos de constituição de identidade, de socialização e de aprendizagem (SANTANA, 2006, p. 38).

Por isso, a importância de se fazer um bom trabalho no espaço escolar para a contribuição da formação de cidadãos e cidadãs críticos e reflexivos e, acima de tudo, humanos, fazendo com que o aluno aprenda a respeitar o próximo, sem distinção de cor, gênero, raça ou religião.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DA ESCOLA PARA A CONSTRUÇÃO DA VALORIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO POVO AFRO-BRASILEIRO**

Vivemos num país com grande diversidade racial e podemos observar que existem muitas lacunas nos conteúdos escolares, no que se refere às referências históricas, culturais, geográficas, (lingüísticas) e científicas que (dêem) embasamento e explicações que possam favorecer não só a construção do conhecimento, mas também a elaboração de conceitos mais complexos e amplos, contribuindo para a formação, fortalecimento e positividade da (auto-estima) de nossas crianças e jovens (ROCHA; TRINDADE, 2006, p. 57).

Sabendo que é obrigação do Estado proteger e valorizar as manifestações culturais diversas da população brasileira, bem como também é obrigação uma educação de qualidade a todos e sem distinção. É com essa educação de qualidade em conjunto com a Lei 10.639/03 que esperamos contribuir com as discussões a respeito da falta de representatividade negra em nossa sociedade, representatividade essa que nos faz pensar sobre onde está essa população que se declara negra no nosso Brasil?

Partindo do pressuposto de que na escola existem várias ferramentas e instrumentos de trabalho, pode-se dizer que ela é a nossa grande aliada na luta contra a discriminação racial e na construção da identidade e da representatividade negra, sejam através de livros, músicas, danças, brinquedos e brincadeiras. Com isso, podemos trabalhar com as crianças todos esses temas transversais de forma lúdica e compreensível.

Além da família como já foi explícita aqui, a escola tem um papel muito importante no que diz respeito ao repasse e prática do que é proposta na Lei supracitada. Ela e toda a equipe que a compõe precisa saber de fato como trabalhar, desenvolver projetos, incluir os temas nas várias disciplinas, ensinar a criança a se reconhecer como negro (a) e ajudar na construção de sua identidade, dando a ela a oportunidade de se ver representada nas diversas formas.

Para Munanga (1994),

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178).

Percebemos, então, que vai além das crianças negras, visto que tal assunto é de grande importância para todos. Por tanto, faz-se urgente e necessário o debate da escola com o tema em questão. Sendo assim, através de um bom trabalho realizado pelos pais e professores haverá uma possível descoberta sobre a importância de se autoconhecer, se valorizar e se sentir representado na sociedade. “O racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu” (SANT’ANA, 2005, p. 41). Isso mostra o quão é importante à escola ser essa fonte de conhecimento para amenizar as atrocidades que vêm acontecendo ao longo dos anos com a população afro-brasileira. Fazer-se presente na luta contra todo e qualquer tipo de preconceito e ajudando na construção de sua identidade.

### **3.1 A falta de representatividade negra na escola: as consequências na vida das crianças**

A ausência de representatividade pode ocasionar diversos problemas na formação da identidade da criança, principalmente ainda na infância, pois viver em um mundo onde elas não se veem em televisão, cartazes ou por meios dos bonecos e das bonecas, podem gerar sentimentos de inferioridade e baixa autoestima.

As crianças afrodescendentes precisam produzir conhecimento no qual se vejam refletidas, para que possam se expressar com mais autenticidade. As questões relacionadas com a vida e a cultura de sua etnia devem fazer parte de sua formação como seres humanos, para que possam compreender, crítica, interativa e (conflitivamente), quem é o outro e de que forma esse outro também se constitui como ser humano (SANTOS, 2006, p.21).

A partir do momento em que a criança não se enxerga e não é ensinada a se autoconhecer e nem conhecer a sua história, ela poderá crescer sem valorizar a sua raça e suas origens. A falta de bonecos (as) negros (as) na escola e no grande comércio, por sua vez, poderá acarretar baixa autoestima na criança, tendo em vista que haverá falta de algo para se inspirarem, imitarem, brincarem. Por isso, a importância da representatividade negra das crianças ainda na infância e no ambiente escolar, visto que muitas delas crescem reprimidas com medo de olhares discriminatórios por não se encaixarem nos padrões impostos pela sociedade e acabam cortando ou alisando os cachos e, conseqüentemente acabam sentindo vergonha da sua cor por não se encaixarem nesse meio.

[...] As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras. (SANTANA, 2006, p. 46).

Desse modo, uma maneira de começar a mostrar às crianças que está tudo bem em ser diferente é trabalhando com elas ainda na infância através do lúdico. Nesse sentido, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a criança é:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2010, p. 12).

Isso nos mostra que ainda na Educação Infantil, a criança consegue aprender e construir conhecimentos. Portanto, a criança negra tem o direito de ser representada na escola, seja por meio dos brinquedos, dos livros, dos cartazes, da literatura. Sua história de luta e contribuições precisa ser contada e sua cultura precisa ser valorizada e respeitada.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos [...] (MUNANGA, 2005. p. 16).

A ausência da representatividade e da construção da identidade negra se tornam uma ponte para que as crianças se sintam inferiores. Sabendo nós que, a autoestima nos ajuda a ser, aceitar e seguir como somos, caracterizando também a nossa personalidade e a maneira de lidar com o todo e, portanto, se isso não for trabalhado podem ocorrer sérias dificuldades de interação por parte da criança ainda na infância e se estender até sua vida adulta. Sem a ajuda da escola e da família pode surgir um afastamento, baixo rendimento escolar e exclusão social da mesma, podendo gerar dificuldades futuras na busca por escolha de profissão, relacionamentos amorosos, amigáveis e uma porção de problemas psicológicos.

### **3.2 O uso do lúdico como instrumento para a construção da identidade negra e sua representatividade**

Em alguns documentos oficiais é possível observar a importância que eles dão ao ato de brincar na infância, para que a criança cresça desenvolvendo habilidades diversas e sem contar que é um direito que todas as crianças têm. No que se refere ao direito de brincar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) aponta que se deve:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2017, p. 36).

É preciso pensar na dinâmica de se trabalhar o tema com um olhar voltado para a realidade das crianças. Pensar no que elas mais gostam, brincam, convivem, para que essa aprendizagem se torne concreta. O jogo, o faz de conta, muitas das vezes são sentimentos guardados por elas, os quais elas exteriorizam brincando, vontades e desejos internos de mostrar quem realmente são e é por isso que podemos unir o que elas gostam para então trabalhar a educação étnico-racial e todo e qualquer tema.

A criança que sempre participou de jogos e brincadeiras grupais saberá trabalhar em grupo; por ter aprendido a aceitar as regras do jogo, saberá também respeitar as normas grupais e sociais. É brincando bastante que a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar e engajar-se na vida de sua comunidade (VIGOTSKY, 1994, p.82-83).

Aproximar a criança da sua realidade faz com que ela internalize e consiga aprender o que foi repassado. E não há maneira melhor de se trabalhar com ela senão de forma lúdica. Como afirma Kishimoto (2010):

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

E com os (as) bonecos (as) não é diferente, a maneira que a criança vê e percebe o brinquedo como algo que a caracteriza fará com que ela se identifique com o que tem em mãos. Agora imaginem, quantas crianças negras estão brincando com seus (as) bonecos (as) também negros (as)? Essa falta de representatividade na cultura do

brincar ainda é muito forte, mesmo estando nós no século XXI, diante da Lei, da população que se declara ser, em sua maioria, negra em nosso país. O que nos leva a refletir: por que ainda existe essa ausência de bonecos (as) negros (as) nas mãos de criança brancas e negras? É algo normal já que é tão constante?

Conversar com a boneca, brincar de médico, imitar bichos, se fantasiar, são brincadeiras de grande intensidade afetiva. Assim que as brincadeiras vão se aproximando mais do real (a partir de quatro anos), o símbolo começa a representar a realidade, imitando-a: a criança cria histórias nas quais há grande preocupação em seguir a sequência que ela conhece na sua realidade. Por exemplo: a boneca acorda, vai pôr roupa e vai para a escola. Depois vai almoçar, descansar, brincar (SOUZA, 2002 *apud* PORTAL EDUCAÇÃO).

“No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que na realidade. [...] uma grande fonte de desenvolvimento” (VIGOTSKY, 1999 *apud* PORTAL EDUCAÇÃO). É algo que a representa e que deve ser visto como instrumento de formação da identidade negra e representatividade, ao contrário do que estamos habituados a ver, bonecos (as) brancos (as) cabelos lisos e olhos claros, todas com uma profissão, roupas diferentes, casas imensas e com seus príncipes ao lado. Uma realidade que com a ajuda da família, pares, escola e educadores, pode ser transformada.



## 4 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa. Os métodos utilizados foram estudo de caso e pesquisa de campo.

Godoy (1995) afirma que: “A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve” (GODOY, 1995, p. 58). Isto é, uma pesquisa que visa qualidades e não quantidade expressiva de números.

Já o estudo de caso é caracterizado como:

[...] um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. (FONSECA, 2002, p. 33).

É a partir dessa observação que buscamos entender como anda o possível trabalho dos professores na busca pela valorização dos povos negros através da ludicidade. Sabendo que precisamos estar em campo para poder analisar e ver como vem sendo realizada a aplicabilidade da Lei 10.639/03 na escola.

### 4.1 Caracterização do campo de pesquisa e dos sujeitos

A escola escolhida para a pesquisa é da rede pública municipal da cidade de Araçagi-PB. A mesma é mantida pela Prefeitura Municipal e por recursos do Governo Federal, atendendo alunos das zonas urbana e rural do município. Tem uma área ampla e fica no piso térreo, possui 09 (nove) salas de aula, secretaria, diretoria, biblioteca, sala de professores, banheiros masculinos infantis, banheiros femininos infantis, um banheiro para funcionários, um banheiro adaptado para pessoas com deficiência, cozinha, depósito e pátio. A escola é formada por uma gestora, uma gestora adjunta, 18 professores no total e 19 funcionários que se dividem nas funções de auxiliares de serviços, cuidadoras, agentes administrativos e vigilantes.

Os professores, em sua maioria, têm licenciatura plena em Pedagogia e uma boa parte pós-graduação em Psicopedagogia. O corpo discente conta no presente ano letivo (2019) com 328 crianças, sendo elas em sua maioria de baixa renda com uma faixa

etária de 04 a 11 anos de idade, uma clientela distribuída em: 04 (quatro) turmas de Educação Infantil, 02 (duas) turmas de 1º ano, 02 (duas) turmas de 2º ano, 02 (duas) turmas de 3º ano, 02 (duas) turmas de 4º ano, 02 (duas) turmas de 5º ano do Ensino Fundamental e ainda uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A escola funciona nos turnos manhã e tarde. Essas e outras informações estão no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição que foi cedido pela gestora.

A escolha para a realização da pesquisa nesta instituição se deu pelo fato de já ter trabalhado nela e conhecer a maioria dos alunos. Trabalhamos juntos por volta de um ano e meio, atuando no Programa Novo Mais Educação (PNME). Na ocasião, presenciamos por várias vezes alguns alunos sendo discriminados, seja pela cor, orientação sexual ou religião. Como o Programa é voltado para o ensino através dos jogos e brincadeiras, conseguimos por diversas vezes ouvir esses alunos e trabalhar sobre o respeito ao próximo.

#### **4.2 Instrumento da pesquisa**

Partindo da observação, o instrumento utilizado foi um questionário, o qual foi aplicado buscando analisar como está sendo construída a representatividade negra através da cultura do brincar com bonecos (as) no ambiente escolar. Foi feita a observação na sala de aula, mais precisamente no 2º ano do ensino fundamental do turno tarde na escola já citada. A observação consiste em “[...] uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 190). No questionário haviam 06 (seis) questões abertas que foram entregues a 08 (oito) professoras do turno tarde, mas apenas 05 (cinco) se prontificaram a responder. As questões eram relacionadas às brincadeiras desenvolvidas e os brinquedos existentes no ambiente escolar, também foram incluídos a Lei 10.639/03, seu conhecimento e sua prática na escola.

#### **4.3 Procedimentos metodológicos**

Os procedimentos se deram de diferentes maneiras e dias, onde aqui serão divididos por encontros:

#### **4.3.1 Primeiro encontro**

Em um primeiro momento, dia 18 de Outubro, foi feito o contato com a direção da escola quando foram expostos os objetivos sobre a pesquisa e tivemos o consentimento por parte da gestora.

Nesse primeiro contato ficou estabelecido o possível retorno, os dias para realizar a observação e a aplicação do questionário. De início, além da observação e do questionário, tínhamos uma entrevista, porém não foi possível concretizá-la.

#### **4.3.2 Segundo encontro**

No dia combinado, 22 de Outubro de 2019, a pesquisa foi apresentada ao corpo administrativo. Em uma conversa ficou decidido que a observação seria feita na turma do 2º ano tarde, tendo como base de escolha uma indicação da gestora. Uma turma com um total de 20 alunos com idades entre 07 (sete) e 08 (oito) anos. Foi possível perceber que os alunos em sua maioria eram negros e crianças bem carentes.

Foi feita a apresentação da turma, houve uma conversa com a professora sobre os motivos que nos levou a ir a Campo e assim que aconteceu a recepção dos alunos e da professora, a observação se deu naturalmente. Observamos a estrutura e o que estava exposto na sala de aula. Uma sala bem colorida com a ornamentação feita pelos personagens da Turma da Mônica. Há um lugar denominado Cantinho da Leitura e outro como Cantinho da Matemática. Possui bastante atividade exposta, cartazes, desenhos, pinturas, o alfabeto, os números, tudo isso é bem colorido nas paredes e tem um armário onde a professora guarda seus materiais, lá se encontram alguns jogos educativos, como jogo da adição, subtração, material dourado, quebra-cabeça e também livros infantis, mas nenhum brinquedo.

**Imagem 1: Atividades expostas**

Fonte: A autora (2019)

**Imagem 2: Ornamentação da sala**

Fonte: A autora (2019)

**Imagem 3: Cartaz Cantinho da Leitura**

Fonte: A autora (2019)

**Imagem 4: Cartaz Cantinho da Matemática**

Fonte: A autora (2019)

**Imagem 5: Cartaz com colagens**

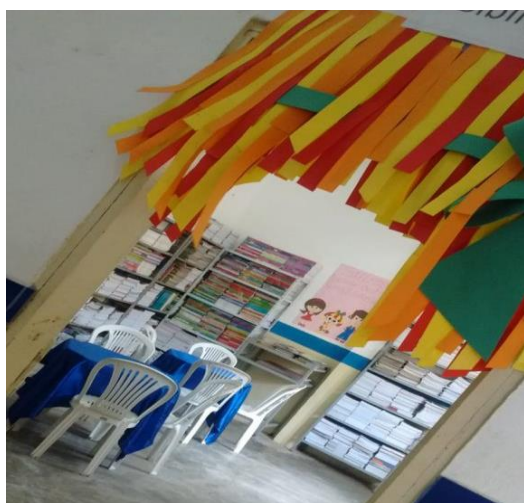
Fonte: A autora (2019)

**Imagem 6: Atividades de conscientização**

Fonte: A autora (2019)

Durante a aula, um dos alunos questionou a professora o porquê deles ainda não ter parado para brincar e ela respondeu com naturalidade que não era sexta-feira. Logo, percebeu-se a existência de uma limitação quanto aos jogos e brincadeiras na sala de aula, onde eles reservam apenas um dia da semana para trabalhar o mesmo. A aula fluiu, os conteúdos foram desenvolvidos. Ao final da aula, por volta das 16h35, procurou-se a direção para combinar a entrega dos questionários e a possível entrevista. A gestora em questão disse que não seria possível, pois nos dias seguintes os professores estariam em treinamento para aplicação da prova do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), a qual seria realizada naquela semana. Então, foi combinado o dia de entregar o questionário, ficando determinado o dia 24 de Outubro. Ao ser questionada sobre os brinquedos que a direção oferece às crianças foi relatado e mostrado pela gestora apenas os jogos educativos e os livros disponíveis na instituição e que os mesmos ficam guardados na biblioteca onde os professores têm livre acesso, mas os alunos não.

**Imagem 7: Entrada da Biblioteca**



Fonte: A autora (2019)

**Imagem 8: Jogos e livros da Biblioteca**



Fonte: A autora (2019)

### 4.3.3 Terceiro encontro

No dia combinado, andamos pela escola de sala em sala para pedir às professoras que ajudassem na pesquisa, mas explicando que não era obrigatório. Nesse contexto, foram expostos os motivos da investigação e algumas resolveram responder.

#### 4.3.4 Quarto Encontro

No dia 25 de Outubro foi recolhido o questionário e de um total de 08 (oito) professoras apenas 05 (cinco) responderam.

Neste mesmo dia, após o recolhimento, retornamos à sala, foram feitos os cumprimentos a todos da sala e também foram feitos os registros da mesma. As crianças brincavam, alguns alunos estavam divididos com jogos educativos, contudo não foi possível ver muitos brinquedos, apenas uma bola de gude, fogão, panelas, frutinhas e animais. As crianças brincavam entre si sem a orientação da professora, os jogos eram vistos como brinquedos, uns imaginavam casa, cavalo, quarto, mas o jogo em si não era praticado, na verdade foi transformado em brinquedo.

**Imagem 1: Meninas brincando**



Fonte: A autora (2019)

**Imagem 2: Meninos brincando**



Fonte: A autora (2019)

Essa brincadeira sem orientação durou das 13h30 às 14h30, pois enquanto eles brincavam a professora ficou preparando as atividades para casa. Depois desse tempo a professora levantou e explicou às crianças que aqueles materiais são jogos educativos e que eles deveriam fazer o que pede as instruções: juntar as peças, formar palavras, construir castelo e não brincar da forma com que eles estavam brincando. Mesmo com as explicações, as crianças não entenderam bem como funcionava e continuaram criando. Foram entregues livros infantis para que fosse feita a leitura, mas a execução não aconteceu. Isso foi até às 15h15.



**Imagem 11: Meninos tentando jogar**

Fonte: A autora (2019)

**Imagem 12: Livros infantis**

Fonte: A autora (2019)

Em um determinado momento uma criança tirou uma espécie de espada da mochila e a professora chamou a sua atenção e o repreendeu afirmando que aquilo era algo que machucava e que poderia ferir outras pessoas e mesmo sendo de brinquedo retratava algo que fazia mal. A criança guardou imediatamente.

Depois da entrega do lanche, por volta das 15h30, as brincadeiras foram retomadas e dessa vez com a orientação da professora, brincadeira do tipo: vivo morto, acertar a bola no cesto, telefone sem fio, bater palma e bater pé e quando havia um vencedor aquela criança ganhava um doce.

Depois de quase 30 min, essas brincadeiras se encerraram com um alongamento, no qual a professora ia determinando seus movimentos e falando da importância de relaxar e se acalmar para obter bons resultados na sala de aula. Após isso, foram entregues as atividades para casa.

**Imagem 3: Alongamento feito com as crianças**

Fonte: A autora (2019)

Ao final da aula, conversando com a professora, ela falou das dificuldades de educar as crianças. Para ela, o principal fator de todos os problemas existentes em sala de aula é a falta de acompanhamento da família, a falta de respeito ao próximo, a maneira de se expressarem, o que muitas vezes é herdado pelos pais e familiares, prejudicando na formação das crianças. O que prejudica e gera um empecilho para se trabalhar a aplicabilidade da Lei, segundo ela, já que muitos reproduzem aquilo que ouvem em casa

#### 4.4 Análise dos dados

Assim como a família é essencial para a formação da criança, o professor é de extrema importância para a formação cidadã e profissional da mesma. Ele pode trabalhar de várias formas sobre o respeito ao próximo, a valorização das raças, autoestima e autoconhecimento dos alunos através da ludicidade.

Os dados que serão apresentados por meio de quadros são respostas obtidas a partir do questionário aplicado, onde nelas poderemos observar o que as 05 (cinco) professoras disseram a respeito da ludicidade, discriminação, conhecimento e aplicabilidade da Lei 10.639/03 que como sabemos, traz a obrigatoriedade da inclusão dos temas relacionados à “História e Cultura da África” na sala de aula.

O questionário composto por 06 (seis) questões serão analisados e por questão de ética não apresentaremos os nome das participantes, as mesmas serão denominadas por: A, B, C, D e E. Logo para a primeira pergunta obtivemos as respostas que estão no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Com que frequência as crianças brincam? Quais tipos de brinquedos e brincadeiras estão presentes na escola?

<b>PROFESSORA</b>	<b>RESPOSTAS</b>
A	Brincam todos os dias. Brincam com jogos pedagógicos, tampinhas, dominó, dama e brinquedos que trazem de casa.
B	Uma vez por semana tem aula de recreação. Atividades lúdicas como: jogo da memória, quebra-cabeça. Dinâmicas: pega-pega, amarelinha e outras.
C	Uma vez por semana. Bonecas, carros e jogos educativos. Brincadeiras de rodas, vivo e morto, a brincadeira da barata.



D	A grade escolar reserva as sextas feiras para realizar a recreação das crianças. As mesmas gostam de brincar de rouba bandeira, barra-manteiga, verdade ou desafio, pular corda, etc.
E	Pouca frequência e quando se faz atividades usamos jogos pedagógicos, materiais recicláveis entre outros.

Fonte: A autora (2019).

Diante das respostas, percebemos que os jogos e brincadeiras estão presentes. Em algumas turmas diariamente e em outras as respostas deixam claro que é apenas uma vez por semana que isso acontece. As brincadeiras citadas não têm ligação com a Cultura Afro-Brasileira, mas de alguma forma estão sendo trabalhadas em sala de aula. Mesmo assim, destacamos que é preciso planejar e conhecer os seus alunos para melhor desenvolver os jogos e brincadeiras na sala de aula, conforme Kishimoto (2010) afirma que: “São numerosas e variadas as experiências expressivas, corporais e sensoriais proporcionadas às crianças pelo brincar. Não se podem planejar práticas pedagógicas sem conhecer a criança.” (KISHIMOTO, 2010, p. 5). Por isso, a importância de se planejar e participar bem dessas atividades.

Por tanto, sabendo da importância da ludicidade para melhorar o desempenho e a aprendizagem das crianças, nos resta refletir se de fato esses jogos e brincadeiras estão tendo algum objetivo a ser alcançado, pois não basta apenas deixar as crianças brincarem, elas precisam ser acompanhadas pelos professores, bem como ter relação com os conteúdos, passar informações e desenvolver habilidades.

Brincar é coisa séria, também, por que na brincadeira não há trapaça, há sinceridade e engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo atenção, concentração e muitas habilidades. É brincando que a criança mergulha na vida, sentindo-a na dimensão de possibilidades. No espaço criado pelo brincar nessa aparente fantasia, acontece a expressão de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares (VIGOTSKY, 1994, p. 67).

Com essa afirmação sobre o brincar que VIGOTSKY (1994) faz, percebemos o quanto é válido as brincadeiras e que através dela podemos perceber algumas necessidades reprimidas nas crianças, quanto mais à criança brinca e joga, melhor se desenvolve.

Para a segunda pergunta segue o quadro:

**Quadro 2:** Como são os/as bonecos/as trazidos/as pelos/as alunos/as ou oferecidos pela escola para as crianças?

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
A	São bonecos tipo Barbie, bebês e super-heróis.
B	Os brinquedos são: carros, bonecas, avião, bonecos de super-heróis. Oferecidos são jogos educativos: jogo da memória, dominó e outros.
C	As bonecas são brancas, algumas de panos.
D	Por serem crianças de 5º ano, os alunos dão preferência, a brincadeiras coletivas acima citadas.
E	Geralmente os brinquedos trazidos pelas crianças são de pano ou plástico.

Fonte: A autora (2019).

Com as respostas obtidas podemos afirmar que a cultura do brincar com bonecas e bonecos continua presente nas escolas e que agora aparecem junto com jogos e brincadeiras. Chama à atenção a resposta da Professora C, onde afirma: “bonecas brancas”, o que reforça a nossa preocupação quanto aos tipos de bonecas e bonecos oferecidos a essas crianças, já que foi possível observar a quantidade de crianças negras na escola e a falta de representatividade exposta na sala e na instituição. Segundo o parecer 03/2004, “[...] Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidão e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras [...]” (CNE/CP 03/2004, p. 14). Vimos e comprovamos que essa desvalorização ainda persiste.

De acordo com o que foi citado pela professora A, a boneca Barbie e os super-heróis estão presentes nos tipos de brinquedos, o que nos leva a imaginar: como seriam esses bonecos? Quem eles representam? Já que estamos tão acostumados a ver no mercado os diferentes tipos de bonecos e bonecas que não condizem com os traços da maioria das nossas crianças brasileiras.

[...] o que se busca não é simplesmente a troca de uns heróis e divindades por outros, mas uma diretriz educacional que possibilite uma pluralidade de visões de mundo. Um retorno à metáfora do círculo, ou seja, uma forma de conciliação possível e humana em que a voz, o escutar e ser escutado, a presença de todos e todas é condição fundamental. (ROCHA; TRINDADE, 2006, p.62).

Percebemos também uma variação quanto ao material dos brinquedos, uns são de plástico outros de pano, demonstrando que a cultura ainda está viva, mas que não houve uma mudança quanto a sua representação.

Para a terceira pergunta, segue o quadro:

**Quadro 3:** Você percebe ou já presenciou algum ato de discriminação racial em sala ou na escola? Como as pessoas reagiram?

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
A	Sim, as pessoas que não estavam envolvidas diretamente, fingiram não perceber nada.
B	Sim, as outras pessoas que estavam presentes, não teve nenhuma reação.
C	Sim, as pessoas não gostam da forma como os outros falam com elas.
D	Não, nunca presenciei nada nesse sentido.
E	Não.

Fonte: A autora (2019).

As repostas apresentadas pelas professoras A e B deixam um misto de preocupação e conclusão de que ainda é preciso se fazer muita coisa para combater esse tipo de preconceito e que os educadores precisam estar preparados para lidar com esse tipo de situação. É necessária a capacitação dos mesmos.

Para tanto, há necessidade, como já vimos, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. (CNE/CP, 2004. p.17)

Portanto, concordamos quando o CNE/CP (2004) deixa explícito que:

[...] A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.(CNE/CP, 2004. p.17).

A resposta da professora C nos leva a entender como a pessoa que é discriminada se sente. Quem passa por essa situação realmente não gosta, cria um sentimento de inferioridade, se sente desvalorizada e pode ocorrer de até revidar a agressão sofrida. E como bem retrata ROCHA e TRINDADE (2006) são esses alunos “[...] que entram em relação com a nossa dimensão humana nos estimulando, nos

acomodando, nos convidando a mudar; que não se repetem, que nos descortinam e nos provocam a agir, a pensar quem somos nós, professores e professoras.” (ROCHA; TRINDADE, 2006, p. 65).

Por isso, é preciso estar atento ao comportamento dos membros que compõe a escola, seja ele o agressor ou a vítima. Diante de uma situação de discriminação, o professor tem que está ciente do que fazer e não deixar que simplesmente aconteça. É neste exato momento em que ele pode abordar o assunto introduzindo a Lei 10.639/03 em sua sala de aula.

Precisamos observá-los (as) na sua complexidade humana, como seres que pensam, criam, produzem, amam, odeiam, têm sonhos, sorriem, sofrem e fazem sofrer, que têm aparência e compleições físicas, pertencimento étnico-racial, posturas, que têm história, memória, conflitos, afetos e saberes inscritos no seu copo e em sua personalidade. (ROCHA; TRINDADE, 2006, p. 63).

O professor tem um importante papel na sociedade, pois é ele quem ajuda na construção da identidade da criança e forma os futuros cidadãos do nosso país e por isso, a importância de estar preparado para lidar com os possíveis tipos de preconceitos.

A quarta questão está no quadro abaixo:

**Quadro 4:** Você considera que o tema étnico-racial pode ser trabalhado de forma lúdica com as crianças?

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
A	Sim, é muito importante e muito relevante no contexto escolar.
B	Sim, pois trabalhar esta forma lúdica é muito importante para o desenvolvimento do alunado, levando assim, a quebra do preconceito através dos jogos.
C	Com certeza.
D	Sim, pois esse ou qualquer outro assunto tratado de forma natural facilita consideravelmente a aceitação.
E	Sim, é muito importante trabalhar essa temática com os alunos para que eles compreendam essa questão com naturalidade.

Fonte: A autora (2019).

Quanto a essa questão vimos uma unanimidade em concordar que o tema pode ser trabalhado de forma lúdica com as crianças, mas será que de fato isso está acontecendo? O que falta para que a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira

sejam abordadas, discutidas e trabalhadas em sala de aula? Seja de forma lúdica ou até mesmo tradicional.

Vimos que as professoras concordam e acham importantes. As professoras D e E acreditam que dessa forma fica até mais fácil e natural de se trabalhar o tema. “De uma forma geral o lúdico vem a influenciar no desenvolvimento da criança, é através do jogo que a criança aprende a agir, há um estímulo da curiosidade, a criança adquire iniciativa e demonstra autoconfiança [...]” (VIGOTSKY, 1994, p. 81). Com isso, voltamos a concordar que o lúdico é uma ferramenta importante para se trabalhar os temas propostos pela Lei.

A quinta questão do questionário se encontra abaixo:

**Quadro 5:** Você tem conhecimento sobre a Lei 10.639/03, que torna obrigatório a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo das escolas do ensino básico?

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
A	Sim, tenho consciência, porém na grade curricular proposta pela escola, essa temática não vem de forma explícita.
B	Sim, tenho conhecimento, porém não está na grade curricular da escola.
C	A escola deveria explorar sobre o tema.
D	Sim, pois houve a divulgação através dos meios de comunicação e com isso as instituições incumbiu-se de passar ao seu corpo docente.
E	Sim.

Fonte: A autora (2019).

As respostas foram positivas sobre o conhecimento da Lei, mas a resposta da professora C chama atenção pelo fato da afirmação de que a escola deveria explorar mais o tema. O que nos leva a imaginar que mesmo conhecendo, ainda é pouco diante da obrigatoriedade que a Lei determina.

Já as professoras A e B deixam claro que a grade curricular da escola não abrange o tema. É preciso mais, os docentes precisam de preparo, as instituições precisam conhecer e discutir a temática para entender a necessidade desses alunos.

O que nos cabe, então, é validar, no cotidiano, o acordo entre retórica e ação e, mais importante ainda, discutir filosoficamente possibilidades de formação dos adultos (em especial dos educadores do ensino fundamental) que atuam junto a essas crianças, para que se tornem capazes de compreender, no caso da criança afrodescendente, a necessidade de valorizá-la em sua cultura, sua identidade, seus valores e cultos (ROCHA; TRINDADE, 2006, p. 66).

Não adianta apenas conhecer a Lei, é preciso pôr em prática e cabe à gestão escolar passar para o corpo docente o que deve ser feito, tendo em vista que “Os projetos educacionais (interdisciplinar) para serem desenvolvidos necessitam de um elo, um eixo para articular e coordenar as ações planejadas e orientadas, esse elo, para nós, são os gestores.” (SILVA; FONSECA, 2012, p.44). Com isso, a fala dos autores se encaixa perfeitamente ao tratarem da importância do gestor. Nesse sentido,

Portanto, os gestores ao se manterem atentos aos direitos humanos estão transpondo da consciência individual para a consciência coletiva, o respeito aos direitos humanos e, concomitantemente cunhando as circunstâncias primordiais para o respeito às diversidades culturais, étnicas, fenotípicas/genotípicas, gêneros, entre outras. Ostentando desse modo, um compromisso social com a humanidade, entretanto, não isenta de relações tensas, conflituosas, que podem dificultar, mas não impedir o trabalho dos mesmos. (SILVA; FONSECA, 2012, p. 46).

Os gestores precisam estar cientes e atentos ao que visa a Lei 10.639/03 para que eles possam ser fonte de conhecimento na busca pelo desenvolvimento dos temas trazidos por ela. Gestores têm um papel fundamental no repasse das atividades e projetos interdisciplinares, trabalhando então em conjunto com os seus docentes.

Segue a sexta e última pergunta:

**Quadro 6:** Você já desenvolveu alguma atividade alusiva à temática étnico-racial? A escola desenvolve ou já desenvolveu a temática?

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
A	Sim, trabalhando textos sobre o tema; fazendo dinâmicas trabalhando o respeito e mostrando elementos da cultura afro.
B	Sim, faço atividades como: texto e debates sobre o tema. Mostrando o respeito da cultura citada.
C	Sim, nós trabalhamos e comemoramos o dia da consciência negra. Mostrando para os alunos que não devemos ter preconceito com os nossos irmãos.
D	A grade escolar aborda o tema de forma natural, pois, a capacidade de um cidadão independente de sua cor, credo ou religião.
E	Já, essa atividade foi desenvolvida na sala de aula.

Fonte: A autora (2019)

Observando as respostas, podemos ver que as professoras desenvolvem ou já desenvolveram alguma atividade relacionada ao tema, mas a professora C deixa claro que no dia 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, é trabalhado e comemorado, no

entanto, nos questionamos: será que em apenas um dia poderemos obter resultados satisfatórios de um mal que está presente há tanto anos em nossa sociedade? Quando a professora E diz que a temática étnico-racial foi desenvolvida em sala de aula, será que só essa vez que eles trabalharam foi o suficiente para gerar mudança?

As crianças precisam desde cedo entender a importância de valorizar os povos negros, respeito ao próximo, conhecer sua raça, suas origens, cuidar uns dos outros, saber que muitos já lutaram para que hoje eles tivessem direitos. A criança necessita de representatividade ou poderá surgir uma grande insegurança.

A desvalorização de si perante os outros bloqueia as ações, dificultando a transmissão de sentimentos e opiniões. Esse bloqueio acontece por medo, pois o receio da reprovação impede que a pessoa se expresse. O medo excessivo do erro é uma característica acentuada da baixa autoestima, uma vez que há insegurança e um não reconhecimento do seu potencial, bem como o medo do julgamento social. (SILVA; MEDEIROS; DELFINO; MATIAS; RIBEIRO, 2015. p. 3).

É preciso trabalhar sempre o tema para que a criança se expresse, ouça e cresça reconhecendo a importância do seu povo, pois elas precisam de alguém para se inspirar, de algo que pareça com aquilo que ela pretende ser. As crianças negras precisam se ver na TV, nos outdoors, nas revistas, nos filmes, nos bonecos que elas mais gostam. Todos precisam disso para se sentir bem e se manter firme diante de uma sociedade que continua preconceituosa e omissa diante uma ação discriminatória. Você já se imaginou sendo diferente de tudo que está exposto na escola e na sociedade?

Nesse contexto, Lopes (2005) confirma que:

Então, para que esse compromisso se efetive é fundamental que, trabalhando com a realidade, num diálogo permanente, numa situação de aprendizagem contextualizada, usando procedimentos adequados, o aluno se descubra membro atuante dessa sociedade, na qual pode e deve ser capaz de interferir e promover modificações que conduzam a um clima de verdadeira cidadania e democracia. (LOPES, 2005. p.18).

Isso nos leva a pensar sobre a oportunidade que os professores têm de diminuir os casos de racismo na escola e baixa autoestima da criança negra por meio de algo que está em volta dela, como um “simples boneco”. Com eles permite-se que a criança se enxergue em meio a tantas outras. Agora, imagine uma escola ornamentada com todas as cores, etnias, culturas e raças. Não se pode viver em uma sociedade que reprime, diminui ou exclui. Todos necessitam e merecem ser reconhecidos, valorizados e representados seja onde for e cabe a escola a execução e prática da Lei.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como finalidade analisar como está sendo construída a representatividade negra por meio da cultura do brincar com bonecos e bonecas no âmbito escolar a partir da aplicabilidade da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003). Sabendo da importância de se trabalhar de forma lúdica com crianças, o trabalho trouxe importantes reflexões acerca da ausência dessa representatividade, tão importante para a formação identitária das mesmas e as consequências que transcendem à escola e são trazidas para a vida delas.

Para a realização desta pesquisa foi de grande importância ir a campo investigar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), seus desafios e limitações, onde foi possível observar que a escola não se aprofunda na temática étnico-racial e que continua trabalhando a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana apenas nas datas comemorativas, bem como o lúdico ainda não é visto como uma ferramenta para melhor desenvolver o tema em sala de aula. Desta forma, é visível que mesmo com a existência da lei, os docentes não assumem de forma correta seu papel como educador e que se omitem diante de situações discriminatórias e preconceituosas.

Assim, partindo das observações realizadas, compreendemos que a escola deveria incluir os temas na grade curricular já que se observou uma ausência destes e sendo assim, os professores trabalham da forma como podem, mesmo sabendo que para tal precisam estar preparados, por isso a importância de uma formação continuada para melhor se atentar às mudanças promovidas pela legislação.

Com base nas observações, não foi possível observar como era feito o trabalho para se promover respeito ao próximo, o autoconhecimento, a diminuição do índice de baixa autoestima e ajuda na construção da identidade negra, seja através de música, dança, livros e/ou bonecos e bonecas negros (as). Estes foram apenas citados no questionário, mas não foi presenciada nenhuma das atividades citadas pelas professoras sendo desenvolvidas por elas.

Tendo em vista que os (as) bonecos (as) não foram expostos e nem oferecidos (as) na escola, isso nos mostra uma falta de conhecimento sobre esse instrumento para que se possa trabalhar a diversidade e a Cultura Afro. Portanto, reforçamos que a escola precisa ser um espaço para a propagação do respeito ao próximo e que mediante o que foi apresentado é possível ver que ainda falta planejamento escolar para se aprofundar no tema e com isso, as crianças acabam sendo prejudicadas, pois são elas que crescem



sem sua identidade formada, que não se enxergam nas diversas posições sociais e que um ato tão simples como brincar de bonecas poderia amenizar essa falta de representatividade negra no Brasil, o que não é vista por elas nas escolas.

Desta forma, afirmamos que a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) é uma eficiente ferramenta para a quebra do preconceito racial e para a valorização das diferentes raças, culturas e povos e da propagação do respeito ao próximo independente de cor, raça ou etnia. Porém, isso está longe de acontecer, pois falta à escola usá-la de forma concreta.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BENTO, Raquel Matos de Lima; CORRÊA, Leidniz Soares. **A importância do lúdico para a aprendizagem na educação infantil**. (s.a.). Disponível em: <[https://www.unijpa.edu.br/media/files/54/54\\_218.pdf](https://www.unijpa.edu.br/media/files/54/54_218.pdf)>. Acesso em 28 de Ago 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Educação, África e História e Cultura Afro-Brasileira. In: -- **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014 (p. 12-16).

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 25 de set. de 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: V. 35, n. 2, p. 57-63, abril 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>> Acesso em 25 de set. de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, V. N. Racismo, preconceito e discriminação. In: MUNANGA, K. (org.) **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: MEC/ Secretaria d Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.185- 204.

MUNANGA, K. **As facetas de um racismo silenciado**. In: SCHWARCZ, L. M & QUEIROZ, R. das (Orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Concepção do Brincar e Aprender na Visão de Piaget e Vygotsky**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/concepcao-do-brincar-e-aprender-na-visao-de-piaget-e-vygotsky/32223>> Acesso em: 25 de set. de 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Ensino Fundamental. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006 (p. 55-77).

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006 (p. 31-51).

SANT'ANA, A. O. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. (org.) **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39- 67.

SANTOS, Ana Katia Alves dos. **Infância e afrodescendentes: epistemologia crítica no ensino fundamental**. Salvador. Editora EDUFBA, 2006.

SARAIVA, Adriana. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. IBGE. Agência IBGE Notícias, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>> Acesso em 05 de set. de 2019.

SILVA, Eliete Antônia da; FONSECA, Maria Aparecida. O PAPEL DOS GESTORES NO DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NO INTERIOR DOS ESPAÇOS ESCOLARES. In: **Educação Para as Relações Étnico-Raciais: Outras perspectivas para o Brasil**. 1. ed. Uberlândia, MG : Editora Gráfica Lops, 2012.

SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; DELFINO, Jair. MATIAS, Emanuela Ferreira; RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **A Autoestima da Criança Negra e suas implicações no processo de aprendizagem**. Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, Realize Editora, 2015. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO\\_EV050\\_MD1\\_SA9\\_ID487\\_09102015000936.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV050_MD1_SA9_ID487_09102015000936.pdf)> Acesso em 24 de Set. de 2019.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

## **APÊNDICE**



**Universidade Estadual da Paraíba  
Centro de Humanidades - Campus III  
Curso de Pedagogia**

**Pesquisador:** Joana D'arc Clemente dos Santos

**Público:** Professores

**Pesquisa:** “A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA CULTURA DO BRINCAR COM BONECOS E BONECAS NAS ESCOLAS: APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03”

1. Você tem conhecimento sobre a Lei 10.639/03 e o que ela propõe?
2. De que forma você tem introduzido a lei em suas aulas?
3. Com que frequência às crianças brincam? Quais tipos de brinquedos e brincadeiras estão presentes nesse ato?
4. Como são os bonecos trazidos pelos alunos ou oferecidos pela escola para as crianças?
5. Você percebe ou já presenciou alguma prática racista em sala? Como reagiu?
6. Você considera que o tema pode ser trabalhado de forma lúdica com as crianças? A escola tem contribuído para o ensino étnico-racial?